

A ECLÉSIA VIRA IGREJA: UMA EXPERIÊNCIA DE ECLÉSIA NO PRIMEIRO SÉCULO

Odson Lopes Moreira

Tentar dizer como a *Eclésia* virou *Igreja* pode parecer uma tarefa um tanto esquisita, considerando que os dois termos se nos apresentam atualmente significando a mesma coisa. De fato, o vocábulo “igreja” é o que ficou na Língua Portuguesa no lugar de *ecclesia*, *-ae*, do Latim, com as devidas modificações sofridas na passagem de uma língua a outra. Entretanto, a tarefa de descobrir implicações envolvidas no significado de *igreja/ Eclésia* pode revelar dados bastante interessantes, levando em consideração a concepção de igreja na história, inclusive no século XXI. Partirei de uma tentativa de definição de ambos os termos para depois buscar uma aproximação com a experiência de Eclésia no primeiro século. O problema é que definir tende a ser uma tarefa complicada. Disso já sabiam os romanos: *omne definitio periculosa est* (toda definição é perigosa). Não obstante, partirei das definições.

1. Tentando definir Eclésia

No Novo Testamento, o vocábulo grego *ekklesia* foi usado para designar a totalidade dos seguidores de Cristo. No Evangelho de Mateus aparece nas palavras atribuídas a Jesus no texto conhecido como a confissão de Pedro: “Portanto, eu lhe digo: você é Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e nem a morte poderá vencê-la” (Bíblia na Linguagem de Hoje). De um modo geral, foi o termo usado na Versão grega dos LXX, ao traduzir o termo hebraico que denotava a reunião ou o ajuntamento dos israelitas no deserto em torno da Lei ou no Templo. Repetindo, de um modo geral, pois outras palavras foram usadas.

Talvez o vocábulo tenha sido escolhido porque, entre os gregos, *ekklesia* significava a assembléia da *polis*. Designava reunião de cidadãos chamados para fora de seus lares para algum lugar público. Era a assembléia do povo reunida em lugar público com o fim de deliberar. Por conseguinte, assembléia dos israelitas, qualquer ajuntamento ou multidão de homens reunidos por acaso, tumultuosamente. Num sentido cristão, assembléia de cristãos reunidos para adorar em um encontro religioso; grupo de cristãos, ou daqueles que, na esperança da salvação eterna em Jesus Cristo, observavam seus próprios ritos religiosos, mantinham seus próprios encontros espirituais e administravam seus próprios assuntos, de acordo com os regulamentos prescritos para o grupo; aqueles que em qualquer lugar, numa cidade, vila, etc., constituem um grupo e estão unidos em um só corpo; totalidade dos cristãos dispersos por todo o mundo, assembléia dos cristãos fieis já falecidos e recebidos no céu.

Para não nos envolvermos mais em detalhes semânticos na busca da estrutura profunda de significados de igreja/ Eclésia, e em todas as falácias lingüísticas que daí poderiam advir, basta que fiquemos com a idéia de ajuntamento de pessoas para um fim. No

caso do Novo Testamento, a reunião dos seguidores de Cristo, quer na sua totalidade, quer em um grupo local, distinguindo-se de outros grupos, principalmente da sinagoga, termo que os autores do Novo Testamento preferiram não usar. Assim, temos:

- Atos 5,11 – E toda a *Igreja* e todos aqueles que souberam disso ficaram apavorados;
- Atos 8,3 – Porém Saulo se esforçava para acabar com a *Igreja*. Ele ia de casa em casa, arrastava homens e mulheres e os jogava na cadeia;
- Atos 12,1 – Por essa época o rei Herodes começou a perseguir algumas pessoas da *igreja*;
- Romanos 16,1 – Eu recomendo a vocês a nossa irmã Febe, que é diaconisa da *Igreja* de Cencrêia;
- 1 Coríntios 10,32 – Vivam de tal maneira que não prejudiquem os judeus, nem os não-judeus, nem a *Igreja* de Deus;
- Filipenses 3,6 – E era tão fanático, que persegui a *Igreja*. Quanto ao cumprimento da vontade de Deus por meio da obediência à lei, ninguém podia me acusar de nada;
- Tiago 3,1 – Meus irmãos, somente poucos de vocês deveriam se tornar mestres na *Igreja*, pois vocês sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com mais rigor do que os outros.

Os exemplos acima, tirados do Novo Testamento, ilustram alguns dos usos de Eclésia que mencionei em linhas anteriores. Entretanto, outras palavras são usadas no Novo Testamento para designar o ajuntamento dos seguidores de Jesus. Um exemplo bastante interessante é *plethos*, usado em alguns lugares com o sentido de comunidade:

- * Atos 6,2 – Então, os Doze convocaram a *comunidade* dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas.
- * Atos 6,5 – O parecer agradou a toda a *comunidade*; e elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia.
- * Atos 15,30 – Os que foram enviados desceram logo para Antioquia e, tendo reunido a *comunidade*, entregaram a epístola.

Tais definições nominais do termo Eclésia, quer sejam etimológicas, quer semânticas, servem-nos apenas como um norte, ou mesmo um ponto de partida. Talvez a definição real seja mais útil. Mas como já disse que o interesse não é definir, mas apenas delimitar, urge passarmos imediatamente aos pontos mais importantes.

2. A formação da Eclésia

Embora Jesus tenha dito que edificaria a sua igreja, após a sua morte o que ficou foi um pequeno grupo de seguidores, cerca de cento e vinte pessoas, conforme relata-

do no livro de Atos (1,15). Um grupo, no sentido mais específico do termo. O que hoje nós conhecemos por igreja começou a se formar algum tempo depois, não obstante a leitura do texto possa sugerir que imediatamente começou a existir uma igreja forte e poderosa, anunciando o evangelho e fazendo valer a fé cristã. O livro de Atos mostra que houve um crescimento do número de seguidores das idéias de Cristo a partir do Pentecostes, culminando na expansão do Cristianismo. À medida que o grupo crescia, novas necessidades iam surgindo, cujas satisfações remodelavam a cada momento este mesmo grupo.

O primeiro grupo de cristãos, tradicionalmente conhecido como *a comunidade cristã primitiva*, aparentemente vivia sem problemas, na expectativa da volta iminente de Cristo. Pelo menos, esta é mensagem transmitida pelo autor de Atos: “Os apóstolos faziam muitos milagres e maravilhas, e por isso todas as pessoas estavam cheias de temor. Todos os que criam estavam juntos e unidos e repartiam uns com os outros o que tinham. Vendiam as suas propriedades e outras coisas e dividiam o dinheiro com todos, de acordo com a necessidade de cada um. Todos os dias, unidos, se reuniam no pátio do Templo. E nas suas casas partiam o pão e participavam das refeições com alegria e humildade. Louvavam a Deus por tudo e eram estimados por todos. E cada dia o Senhor juntava ao grupo as pessoas que iam sendo salvas” (At 2,43-47) .

A reunião desse grupo de pessoas em torno dos boatos da ressurreição de Cristo, em Jerusalém, foi atraindo, rapidamente, muita gente. Embora o grupo crescesse muito, “todos continuavam firmes, seguindo os ensinamentos dos apóstolos, vivendo em amor cristão, partindo o pão juntos e fazendo orações” (At 2,42). Era verdadeiramente uma vida em *comunidade*. A palavra é cognata de *comum*, da qual vêm também comunicar, comungar, comunhão e outras. Realmente, tinham muitas coisas em comum: a mesma fé, o mesmo Espírito, o mesmo salvador, a mesma expectativa, eram portadores de uma mesma mensagem, todos se reuniam em torno do evento Cristo e, neste primeiro momento, eram todos judeus.

Este momento embrionário da igreja é sempre lembrado como um lugar acima de todos os lugares, um tempo ideal, ao qual todos os cristãos, em todas as épocas, tentam se reportar, como se fosse um mundo supra-sensível que se devesse buscar incessantemente. Talvez no próximo tópico consiga responder por que isso jamais passará de um não-lugar, um não-momento. Importa agora pensar que esse deve ter sido o modo como tudo começou. Essa pode mesmo ter sido a Eclésia incipiente. Todos os projetos poderiam funcionar ali. Não existia a necessidade do ecumenismo porque era somente aquela igreja. Talvez não existissem algumas questões sociais mais sérias, pois, como informa Lucas, tinham tudo em comum, viviam em harmonia, e no mesmo local, o que pode significar também que todos viviam em igualdade social.

Mas o que essas pessoas faziam o dia todo? Com os olhos no presente nós podemos imaginar que saíssem de suas casas, uma ou mais vezes durante o dia, e se reuniam na igreja para louvar a Deus, fazer suas orações, etc. Entretanto, pelo relato de Lucas podemos perceber algo muito diferente do que hoje consideramos vida cristã, ou vida em igreja. Só para começar a *desconstruir* tal pensamento, consideremos que igreja, no texto bíblico, em nenhum momento designa templo, prédio, local de adoração, e muito menos o nome de um grupo de cristãos, uma denominação, por exemplo,

luterana, anglicana, ou católica. Antes, igreja designa a totalidade da vida do grupo, ou seja, eles eram a igreja e não tinham duas vidas, como costumamos dizer, uma sacra e outra profana ou secular. Eles viviam como igreja e ao mesmo tempo eram a igreja, no ir e vir, no agir, no falar, no sentar, no comer, etc. Enquanto viviam havia a igreja. Talvez ninguém precisasse dizer: “Hoje sairei de casa mais cedo porque preciso chegar à igreja dez minutos antes de começar o culto ou a missa”.

Algumas atividades básicas podem ser encontradas em Atos 2,42, embora possamos imaginar que outras devessem ter existido. O texto diz que *todos continuavam firmes, seguindo os ensinamentos dos apóstolos*. Lembremos que ainda não existia o texto do Novo Testamento. Entretanto, os apóstolos foram testemunhas do ministério de Cristo, de quem aprenderam tudo, os quais agora estavam transmitindo o conhecimento que haviam adquirido. A informação de Lucas continua dizendo que eles estavam *vivendo em amor cristão*. Poderia ser resumido numa só palavra: comunhão. Isso é o que mais expressa que viviam em comunidade ou tinham tudo em comum. *Partindo o pão juntos* pode sugerir o momento da ceia, mas é bem mais seguro pensar nas refeições diárias, no caso, uma refeição comunitária, que se pode corroborar pelo versículo 46: e nas suas casas partiam o pão e comiam com alegria e humildade. *Fazendo orações* lembra atividade básica de todo religioso, mas aqui o que importa é que faziam as orações juntos, ou seja, estavam reunidos no momento das orações. Assim foi, por um tempo, a comunidade cristã primitiva, após a sua formação. Vejamos em que ela se transformou.

3. A Eclésia vira igreja

Daquele estado embrionário de vida comunal, a comunidade cristã inicial passou a uma instituição forte e influente no decorrer da história. É neste sentido que tentarei dizer aqui como a Eclésia virou igreja. Como já disse antes, à medida que o grupo crescia, novas necessidades iam surgindo, cujas satisfações remodelavam a cada momento este mesmo grupo. Embora não houvesse ainda um corpo de escritos que regulamentassem a vida nessa nova sociedade, algumas pessoas que se sobressaiam, ou que eram, por algum motivo, mais influentes, lideravam o grupo, apoiadas numa suposta autoridade espiritual que haviam recebido. Talvez seja a primeira divisão social no grupo. Aliás, quando o texto informa que *todos continuavam firmes, seguindo os ensinamentos dos apóstolos*, sugere que já havia a proeminência dos apóstolos no grupo. Precisamos de um outro parágrafo para falar mais sobre isso.

Os oficiais da Eclésia foram ganhando, no evolver da igreja, cada vez mais uma posição de destaque. Em muitos momentos a igreja se confundiu com o seu representante oficial. O Novo Testamento, que é posterior ao surgimento da igreja, alista alguns termos para designar tais oficiais. Não nos ocuparemos com eles, mas apenas lembramos que significam que começou a existir uma hierarquia na comunidade. O oficial da igreja é que tinha a palavra final. Acerca disto, é muito interessante o que Paul Tillich observa: “De que modo se poderia determinar as verdadeiras doutrinas da igreja em contraste com os ensinamentos oriundos dos bárbaros, dos gregos, ou dos judeus? A resposta é que esse julgamento só poderia ser feito pelo bispo que era o supervisor da congregação. O bispo representava o Espírito supostamente presente no

interior da congregação. O bispo foi se tornando cada vez mais importante nas lutas dos cristãos contra os pagãos, os judeus, os bárbaros e os hereges. Inácio escreveu na carta aos esmirnianos: “Onde está o bispo aí deveria estar a congregação”. Os profetas que aparecessem poderiam estar certos ou errados, mas o bispo sempre estaria certo. Ele representava a doutrina verdadeira”¹.

Os textos de Paulo surgem para corrigir problemas nas igrejas, principalmente problemas na hierarquia eclesiástica. Ele mesmo teve sua autoridade questionada e precisou defendê-la por meio de cartas. Num dos textos a ele atribuídos, por exemplo, há a informação de que o Espírito “deu dons às pessoas. Ele escolheu alguns para serem apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e ainda outros para pastores e mestres da Igreja” (Ef 4,11). Quer dizer, a hierarquia foi instituída por Deus. E num outro texto, também a ele atribuído, há a recomendação de respeito pelos que presidem: “Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam” (1Ts 5,12). Parece que se foi construindo aos poucos uma ideologia que legitimava o poder dos oficiais eclesiásticos sobre as comunidades. Se imaginarmos que os textos neotestamentários tenham surgido numa época bem posterior na história da Igreja, fica mais fácil perceber que a instituição igreja se fez valer através do texto.

Não somente o Novo Testamento, mas também outros textos do período mostram a supremacia do oficial sobre a comunidade. Já foi mencionado acima, numa citação de Paul Tillich, o que Inácio escreveu aos esmirnianos. O mais antigo manual de religião da comunidade cristã, que se conhece até o momento, também diz algo sobre a defesa da autoridade dos oficiais na igreja. Trata-se da *Didaquê*, uma das mais antigas fontes de catequese. Possivelmente, é fruto da reunião de diversas fontes orais e escritas e que bem retratam a tradição das primeiras comunidades cristãs. Algumas igrejas chegaram, inclusive, a considerá-la um escrito canônico. Embora o texto seja curto, mostrarei abaixo apenas as partes que nos interessam:

Parte III – A Vida Em Comunidade

Capítulo XI

³Já quanto aos apóstolos e profetas, faça conforme o princípio do Evangelho.

⁴Todo apóstolo que vem até você deve ser recebido como o próprio Senhor.

⁵Ele não deve ficar mais que um dia ou, se necessário, mais outro. Se ficar três dias é um falso profeta.

⁶Ao partir, o apóstolo não deve levar nada a não ser o pão necessário para chegar ao lugar onde deve parar. Se pedir dinheiro é um falso profeta.

⁷Não ponha à prova nem julgue um profeta que fala tudo sob inspiração, pois todo pecado será perdoado, mas esse não será perdoado.

⁸Nem todo aquele que fala inspirado é profeta, a não ser que viva como o Senhor. É desse modo que você reconhece o falso e o verdadeiro profeta.

1. TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: ASTE, 1988, p. 33.

⁹Todo profeta que, sob inspiração, manda preparar a mesa não deve comer dela. Caso contrário, é um falso profeta.

¹⁰Todo profeta que ensina a verdade mas não pratica o que ensina é um falso profeta.

¹¹Todo profeta comprovado e verdadeiro, que age pelo mistério terreno da Igreja, mas que não ensina a fazer como ele faz não deverá ser julgado por você; ele será julgado por Deus. Assim fizeram também os antigos profetas.

¹²Se alguém disser sob inspiração: “*Dê-me dinheiro*” ou qualquer outra coisa, não o escutem. Porém, se ele pedir para dar a outros necessitados, então ninguém o julgue.

Capítulo XIII

¹Todo verdadeiro profeta que queira estabelecer-se em seu meio é digno do alimento.

²Assim também o verdadeiro mestre é digno do seu alimento, como qualquer operário.

³Assim, tome os primeiros frutos de todos os produtos da vinha e da eira, dos bois e das ovelhas, e os dê aos profetas, pois são eles os seus sumos-sacerdotes.

⁴Porém, se você não tiver profetas, dê aos pobres.

⁵Se você fizer pão, tome os primeiros e os dê conforme o preceito.

⁶Da mesma maneira, ao abrir um recipiente de vinho ou óleo, tome a primeira parte e a dê aos profetas.

⁷Tome uma parte de seu dinheiro, da sua roupa e de todas as suas posses, conforme lhe parecer oportuno, e os dê de acordo com o preceito.

Capítulo XV

¹Escolha bispos e diáconos dignos do Senhor. Eles devem ser homens mansos, desprendidos do dinheiro, verazes e provados pois também exercem para vocês o ministério dos profetas e dos mestres.

²Não os despreze porque eles têm a mesma dignidade que os profetas e os mestres².

Com tanto prestígio que os oficiais possuíam, obviamente muitos queriam ser bispos, presbíteros, profetas, pastores, evangelistas e mestres. Daí a necessidade de se estabelecer critérios para distinguir o falso do verdadeiro, estabelecer normas de conduta, etc. Os textos selecionados acima têm muita relação com o Novo Testamento, principalmente com as cartas chamadas pastorais. Revelam, de qualquer forma, um momento em que a igreja não era mais aquela pequena comunidade de seguidores de Cristo.

A Eclésia foi se institucionalizando, foi virando igreja, à medida que crescia. Quando a nova fé chegou à cidade de Antioquia, seus seguidores ganharam o apelido de

2. Didaquê ou Doutrina dos Apóstolos. Trad. Urbano Zilles. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

cristãos (At 11,26). De qualquer forma o grupo agora tinha um nome. O livro de Atos vai descrevendo que esse grupo foi se expandindo cada vez mais, absorvendo pessoas oriundas de outras nacionalidades e culturas, o que ocasionou a assembléia em Jerusalém para decidir se os estrangeiros/estranhos poderiam ou não se admitidos na comunidade. Já encontramos aqui um outro problema social. Inclusive, esse foi um problema muito sério vivido na comunidade, cujas conseqüências se fazem perceber ainda hoje, e de modo não dissimulado: a exclusão. A assembléia teve como causa a exclusão social. Antes, viúvas judias, porém oriundas do helenismo, eram excluídas da assistência social, o que culminou na instituição dos diáconos (At 6,1-7). Agora, as pessoas que não eram do judaísmo e se convertiam à nova fé não estavam sendo aceitas.

Para provar aos seus leitores (ou ao leitor Teófilo apenas) que os não-judeus poderiam e tinham também o direito de ser incluídos no grupo, o autor de Atos apresenta uma série de eventos em que se confirma por meios divinos que eles também eram dignos do Evangelho de Cristo. Conta que houve até uma perseguição ao grupo, para que ele se afastasse de Jerusalém em direção aos chamados gentios. Mas parece que o problema não se resolveu por completo. A Eclésia/igreja foi rompendo barreiras geográficas, porém, os obstáculos culturais, religiosos, econômicos e sociais não se transpuseram por completo. Já falei antes que este abacaxi chegou até nós. Vemos em todo o corpo do Novo Testamento uma forte tensão envolvendo a idéia da inclusão/exclusão, desde os evangelhos, passando por Atos às epístolas. Daí em diante, a comunidade/Eclésia já estava quase que completamente transformada em igreja, e com I maiúsculo, diga-se de passagem.

4. A Igreja

O título do tópico deveria ser conclusão; mudei apenas para ficar diferente. Mas saiba o leitor que precisamos concluir. Poderíamos afirmar o seguinte: após a ressurreição de Cristo, um grupo de pessoas se reuniu em torno de sua história e passou a viver em comunidade (de fé, Espírito, propósito, expectativas, etc.). Com o passar do tempo, o grupo foi crescendo, aumentando, expandindo ... até que começaram a surgir as divisões sociais. Embora já existissem os apóstolos, outros oficiais foram aparecendo na hierarquia eclesiástica. Como o grupo estava se fechando, começaram a viver o problema da inclusão/exclusão. Sendo perseguidos, foram para outros lugares, onde foram reconhecidos como cristãos. Tinham agora um nome. Com a expansão geográfica e numérica, o grupo precisou formular normas, preceitos, regras sociais, leis de conduta para os líderes, etc. A Eclésia se institucionalizou, virou Igreja. E depois, mais ainda, quando se tornou o Estado.

No século XXI muitos cristãos compreendem que devam existir tentativas para que a igreja volte a ser comunidade. Muitos vivem a tensão Eclésia/comunidade *versus* Eclésia/igreja. Não seria possível hoje a vida naquele estado ideal primitivo. Aquele tipo de cristianismo é incompatível com o mundo do Senhor Capital. Entretanto, não dá mais para viver na Igreja instituição, como pecinhas da máquina, nada mais que engrenagens. Talvez a resposta seja dialética, já que a igreja continua existindo, vindo a ser. Na instituição Igreja ninguém tem tempo para ninguém. Todos estamos ocupados demais com nossas vidas, nossos problemas são tantos, para que mais al-

gum, alheio? Na igreja/comunidade o mundo lá fora parece que nem existe. Somente o nosso grupo interessa; aliás, nem existem outros grupos. Na Eclésia/igreja o todo é formado pelas partes, porém, as partes existem apenas para sustentar o todo; individualmente não têm importância. Na Eclésia/comunidade não existem as partes, e sim o todo. As partes estão de tal forma misturadas que não aparecem.

Precisamos pensar isso tudo de forma transcendental, não no sentido espiritual ou místico, mas no sentido de ir além do que vimos até aqui. É urgente a reflexão sobre o ecumenismo e sua conseqüente aceitação. Nós, cristãos, precisamos entender que separados não chegaremos a lugar nenhum. Temos de romper a barreira do individualismo, gerado pelo corre-corre deste mundo em que vivemos. Temos de dar tempo ao próximo, o nosso tempo. É hora de parar para ouvir, aconselhar. Precisamos nos ver no outro. Nesse sentido, é a idéia de comunidade que devemos resgatar. Mas não podemos nos esquecer de que vivemos num universo (idéias, sentimentos, ideologias, interesses). Devemos saber manter nossa identidade na diversidade. A instituição tem de perceber que é formada por pessoas. Os oficiais existem para equipar, preparar os santos. E a Eclésia não pode viver sob a ótica do capital, nem nas perspectivas do mercado. A igreja tem de valorizar o ser humano, tem de viver o Cristo.

Odson Lopes Moreira

Rua Mariano, Passagem Edísia – 180, casa 02

Bairro do Souza

Belém-PA 66610-540

odsonmoreira@uol.com.br

Bibliografia

Bíblia On-line, Módulo Avançado – SBB

Brown, Colin, editor geral. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 4 volumes. São Paulo: Edições Vida Nova, 1981.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos: uma história da igreja cristã*. Trad. Israel Belo de Azevedo. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

Didaquê ou Doutrina dos Apóstolos. Trad. Urbano Zilles. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Trad. Julio T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1991.

HORRELL, J. Scott, org.. *Ultrapassando Barreiras: novas opções para a igreja brasileira na virada do século XXI*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

MOULTON, Harold K. (Ed.). *The Analytical Greek Lexicon Revised*. Michigan: Zondervan Corporation, 1979.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*. Trad. Gordon Chown e Julio T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995.

TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: ASTE, 1988, p. 33.